

DRAMATURGIAS  
EM PROCESSO  
VOL. 2. 2022/23

USP 90  
1934 2024

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
pró-reitoria de cultura  
e extensão universitária

TUSP  
Teatro da USP

# Primeiras Dramaturgias

Entardecer de Aurora F.

por Luana Frez Ichikawa

*Luana Frez Ichikawa é atriz e bacharel em letras (francês), integrou a Cia. dos Imaginários e é pesquisadora no CPT (Sesc) desde 2017, onde participou do Círculo de Dramaturgia e foi assistente de direção de Antunes Filho, atuando em Gesto, de Silvia Gomez (dir. Vanessa Bruno). Também atuou na peça 4004, de Bernard Shaw (dir. Thiago Ledier) e em longas como Mestre da fumaça, Ulisses, entre outros. Integrou o Núcleo de Dramaturgia do Sesi, onde escreveu Entre os trilhos e a baleia, que estreou em 2022, com a direção de Erica Montanheiro.*

*Esta é uma das 14 DRAMATURGIAS EM PROCESSO selecionadas por edital na 2ª edição do programa do Teatro da Universidade de São Paulo em 2021. Os dois volumes das DRAMATURGIAS EM PROCESSO estão também disponíveis na íntegra para download e leitura online em [sites.usp.br/dramaturgiasemprocesso](https://sites.usp.br/dramaturgiasemprocesso).*

*Com o passar dos anos, como acontece com todas as mulheres, o tempo virou meu aliado: eu me tornei invisível, transparente. Posso me deslocar feito um fantasma, olhar por cima dos ombros das pessoas, escutar as suas brigas e observá-las dormindo com a cabeça apoiada sobre a mochila, falando sozinhas, inconscientes da minha presença, movendo apenas os lábios, articulando palavras que eu pronunciei por elas.*

Olga Tokarczuk, *Sobre os Ossos dos Mortos*

PERSONAGEM

*Aurora Fukuda, ou uma atriz*

.O FIM

*(Ecuridão. Somente uma voz que fala.)*

Poderia ser uma noite escura  
uma dessas ruas que você evita atravessar  
uma rua escura que escoo num bar barulhento  
onde os jovens se divertem  
alguns nem tão jovens assim  
eles ficam de pé na calçada  
não se importam com a chuva fina que começa a precipitar  
eles ficam de pé na calçada  
eles bebem, flertam  
eles olham suas telas  
eles olham mais as suas telas do que qualquer outra coisa  
*isso eu posso te dizer*  
as telas coloridas são a iluminação da noite  
sigo meus passos miúdos  
meu corpo invisível  
ninguém me reconhece e por que deveriam?  
ninguém me vê enquanto  
atravesso a rua apressadamente  
não importa que não me notem  
“não se perca em pensamentos obsessivos”  
eu me digo ao atravessar a rua  
eu me digo  
“atenção ao dobrar a esquina”

um carro –

esse carro surgiu do nada  
dirigido por um motorista que também olhava a sua tela  
obviamente não me viu

mas

esse carro CHOCA com algo que se move – eu –

*(GRITO)*

*(Som de freio de um automóvel – luz acende em Aurora Fukuda.)*

esse carro poderia se chocar contra meu corpo

talvez nesse momento minha presença seja notada  
por um para-choque  
por um para-choque ou pelo carro  
ou pelo motorista do carro importado

talvez por todos

aí sim notariam minha presença

Ou então poderia ser assim:

o cenário poderia ser num prédio  
um prédio como o *Oliveiras*  
uma porta trancada que nunca mais se abriu  
os gatos poderiam...  
bom, não tenho gatos  
mas estamos trabalhando com hipóteses e certamente se os tivesse  
eles estariam miando freneticamente após 4 ou 5 dias sem comida  
algun deles talvez já teria morrido de inanição  
os vizinhos notariam a presença pelo forte cheiro de decomposição  
assim me faria presente insolente  
assim notariam a minha existência

ou ainda poderia ser mais ativo controlado escolhido  
da janela desse minúsculo apartamento  
eu poderia observar aqueles passantes apressadamente de um lado para  
o outro  
eu poderia escolher o momento certo para me arremessar contra o chão  
aquela hora em que todos correm, todos voltam pra suas casas  
e todos ficariam impactados,  
mas rapidamente poderiam respirar fundo em alívio  
“uma mulher, mas já tinha enfrentado vários carnavais”  
ou poderiam dizer, “tava fazendo hora extra nessa terra”

pera aí que exagero  
eu não tenho tanta idade assim pra fazer hora extra,

serei menos dramática então  
mas o impacto dos meus cinquenta e poucos quilos,  
olha, seria estrondoso  
isso sim, seria ainda mais insolente

melhor assim, ninguém a notar minha presença, melhor assim  
mas a materialidade do meu corpo pode mudar isso,  
não ter muito a perder, ou ter, às vezes não sei,  
mas em questão de poucos segundos  
eu poderia estragar a noite de todos aqui

ou talvez não,

essa humanidade anda tão apática  
difícil um ato que choque alguém  
já estamos cansados de tanta coisa  
já seguimos cansados nosso caminho

se eu fosse falar de alguém, importante colocar isso de maneira hipotética,  
afinal, quem teria interesse em me confiar a escrita de uma biografia?  
se eu fosse falar de alguém  
começaria pelo fim  
acentuaria as cores, jorraria sangue  
aumentaria o espetáculo  
me divirto pensando na minha história,  
a minha eu posso falar, a minha eu posso escolher  
seguiria aquele conselho “ser fiel a si mesma”

por que não começar pela morte?  
isso pode definir bastante uma existência

talvez defina mais do que os feitos em vida

mas isso não consta nas biografias

as biografias são apenas um emaranhado de situações montadas para  
parecer que determinada pessoa foi terminantemente importante ou  
sagaz

à frente de seu tempo à frente dos demais seres humanos

mas sabe? can-sei

como diziam?

“ultimamente passaram-se tantos anos”

sim, ultimamente passaram-se muitos anos,  
pareceram décadas, até

mas

se fosse escolher os fatos para ilustrar uma biografia  
eu começaria pelo fim, começaria pelas cores do fim  
será que isso incomodaria alguém?  
será que isso seria notado por alguém?

.SALA DE ESPERA

a linha vermelha, é só seguir  
aguardar ser chamada  
na sala de espera observando, sempre olho o chão  
você não?  
o padrão dos revestimentos, os detalhes fora do lugar,  
a sujeira que sobreviveu, desafiando camadas e camadas de limpezas  
diárias  
você espera bastante tempo pelo grande momento  
em que deixamos nosso sangue em tubos  
em que chupam nossas veias  
esvaziando tudo o que existe de vermelho e quente dentro da gente

na linha vermelha, pares de pés impacientes,  
outros tranquilos, esnobam pernas totalmente relaxadas  
mas aquele par de pés ali são realmente inquietos

entre pés de cadeiras e pés humanos – um acontecimento –  
uma pequena aranha, certamente um filhote albino  
tão lindo que estivesse ali, transparente no frio revestimento  
quase um milagre, a contrariar todas as probabilidades  
ninguém percebia a beleza daquelas oito patas

se a minha condromalácia permitisse eu me lançaria com fervor no chão  
em sua proteção  
ninguém viu, ninguém entenderia  
mas eu realmente me lançaria no chão se minha patela permitisse

para que ninguém  
corresse o risco de esmagar esse ser

*“Senhora Bernadete”*

alguém chama  
não, definitivamente esse senhora não é pra mim, somente um nome  
familiar  
a voz de cigarro de tia Berna  
as manhãs na cozinha cheirando a cominho  
e imaginando quem seria essa Bernadete da sala de espera

do meu lado se levanta uma garota quatro-olhos  
não deveria ter nem 18 anos  
quem tão jovem assim se chamaria Bernadete?  
a mãe errou rude o nome, algo muito errado nas estatísticas

ela não parava de me olhar e não parecia estranha  
engraçada as pessoas dessa geração achei que o nome Bernadete tivesse  
caído em desuso durante a década de 60  
e ouço chamarem

*“Aurora”*

ok estou me preparando

*“Aurora Fukuda?”*

inferno – não precisa ficar repetindo em voz alta  
fiz as pazes com meu nome, mas não abuse  
é mesmo um nome destinado ao eco e não ao esquecimento,  
um nome de tirana,  
um nome de pessoa pérfida, destinada a um trágico fim  
nada parecido com a *Fukuda* – gozação de infância  
mas realmente um nome destinado ao eco



e eu aqui me esforçando para manter a coluna ereta  
entre pernas sustentadas por patelas débeis

franzina apagada esquecida  
mas já tive os meus quinze minutos de fama  
agora ninguém mais lembra meu nome  
agora ninguém mais me enxerga

a mulher de verde dizia  
*“sua veia é fina”*

preferia não olhar, mas num reflexo  
tubos de ensaio pareciam cheios  
ela disse que chamaria um outro alguém  
pois ela não poderia me perfurar duas vezes seguidas,  
como assim?  
duas vezes? já não foi? eu jurava que aquele tubo de ensaio continha  
todo o meu sangue transbordando a ponto de quase pingar no chão

minhas costas gelam e  
minhas cores se apagam  
minha mão estava cadavérica  
quando ela disse que não foi possível tirar meu sangue  
é como se tudo o que fosse vivo e quente tivesse se esvaído de mim  
*“está tudo bem?”*  
não não está tudo bem, meu sangue não circula, meu sangue parou,  
será que estou assim tão perto da morte?  
eu juro que não tenho problema nenhum com sangue  
esses dias socorri minha vizinha  
ela prendeu o pé no armário da cozinha e a pele rasgou e abriu tudo, eu  
via sangue, músculo, osso, pele tudo dobrado pra cima, já viu como são  
as cores de dentro de um corpo humano?  
é tão bonito,  
moça, cuidado! não pisa em cima da aranha, por favor

alguém de verde dizia:  
*“senta as costas, calma calma, não cruza as pernas”*  
*“vou precisar verificar sua glicemia”*  
ai picada de novo? tem certeza?

e perdia os sentidos  
enquanto eles conversavam entre si:  
*“eu quase desmaiei na frente da paciente, não tinha comido nada, menina, eu estava de jejum”*  
e perdia os sentidos...

meu sangue está fugindo de mim, se recusa a colaborar, meu sangue me rejeita, meu sangue me deixa completamente...

*(Luz fica escura gradativamente.  
Tempo.)*

*“tudo bem, a gente se conhece, eu posso acompanhar ela”*

aos poucos  
os sentidos voltam a funcionar  
essa voz, ela soa vagamente familiar  
quem poderia estar aqui em meu socorro?

*(Luz acende lentamente.)*

aos poucos os borrões, as cores  
o teto da sala, as paredes cobertas por quadros de bichinhos,  
provavelmente enclausurada na ala infantil  
o irônico fim de alguém  
com o nome destinado ao eco  
e que poderia apodrecer a qualquer momento num hospital  
se isso acontecer, estou mesmo fodida

enxergo a voz ou melhor  
os quatro-olhos que me espreitam  
a tal da Bernadete, a velha de 18 anos, que segura minha mão

*“não se preocupe eu acompanho você”*

## .ESPAÇOS INTERNOS

o corredor cavernoso de sempre – estreito e úmido  
as oito portas e a grande veia a atravessar cada andar

o papagaio no ombro do zelador,  
o vigilante papagaio conduzia o zelador e não o contrário, lhe contava a  
vida de todos os habitantes do

*Edifício Oliveiras*

Anos depois

e Heitor é a mesma pessoa de sempre, não envelheceu, não encolheu, a  
espreitar os apartamentos vestido em sua figura fantasmagórica

o papagaio perscrutava tudo, nada lhe escapava  
Heitor por sua vez repassava todas as informações  
a todos do bairro, trabalhadores de passagem, moradores, pedestres  
qualquer um que demonstrasse o mínimo interesse em conversar com  
Heitor

Bernadete certamente sabe tudo de mim, descobriu pelo Heitor e seu  
papagaio  
não lembro se eu indiquei o caminho ou se ela que me conduziu até o...

número 810 – oitavo andar do *Oliveiras*

10 horas da manhã no apartamento de Aurora, a luz bate naquele horá-  
rio recortando a poltrona no espaço de Fukuda, *meu espaço*  
o retorno ao *meu pequeno refúgio*

Ela perceberia ao entrar pela primeira vez no apartamento de Aurora  
Fukuda, uma sala estreita, comprida, uns 30 metros e equipada com  
poucas peças, equipada com uma sobriedade que confortava Aurora, *me*  
*confortava*

nesse ambiente ficou tudo aquilo que fica quando não se tem mais nada,  
ou quase nada

– de fato –

se olhar direitinho, na estante  
os livros tiveram suas lombadas descoloridas pelo sol da manhã  
o boldo precisa de uma rega,  
um olhar mais criterioso diria que as paredes precisavam ser limpas,  
urgentemente, infestada por pigmentações de um monocromatismo que  
Aurora não está interessada em tirar, não *agora* pelo menos  
na poltrona

Berna ali sentava, banhando-se na luz, *a minha luz*, naquele horário que  
era o *meu horário* de aproveitar a luz na poltrona  
veja bem, tenho esse caro hábito de sair de minha escuridão e proteção

me revigorando no sol da manhã  
ali está a jovem Berna a tagarelar no meu espaço sagrado  
um feito hediondo da sua parte  
e afinal,  
quem era essa Bernadete e por que ela não para de falar?

.A TAL DA BERNADETE

*"cheguei a pensar que você tinha morrido, Aurora"*

ela sabe que um dia vivi e desapareci  
ela sabe onde moro, quem eu sou  
despeja informações sobre a minha pessoa  
informações abocanhadas por buscas da internet  
esmiuçadas, trituradas, vomitadas  
sem nenhum constrangimento

na idade dela, já deveria saber que na minha idade  
a maturidade faz com que fiquemos mais arredias  
sobretudo após ser resgatada da ala infantil de um hospital

eu deveria sempre lembrar que a internet permite que  
da noite para o dia qualquer um se transforme num perito em qualquer  
assunto  
*qualquer assunto*  
você pode descobrir o nome de uma moradora do seu prédio e conseguir  
a ficha inteira  
e no assunto espionagem a jovem Berna é uma especialista

talvez minha existência não foi totalmente esquecida  
talvez  
talvez não estivesse assim tão condenada ao esquecimento  
ou estaria?  
será que fiz certo em voltar pra cidade?  
tudo bem, a criatura certamente é um curioso caso à parte

o que marca mais o rito de passagem para a maturidade?  
o medo de sangue  
o medo da morte  
ou a desconfiança crescente em qualquer outro ser humano?

*“eu te entendo, Aurora, eu sei exatamente como você se sente...”*

o que a garota acha que entende?  
ela deveria entender o caráter sagrado  
que alguns dos meus cabelos recém desbotados me conferem,  
ela deveria entender e respeitar meu mau sono e meus joelhos desgastados  
mas não  
a juventude acha que os espécimes ao seu redor estão ali para se curvar  
à sua forma e arrogância  
não é assim que funciona comigo, não é assim

*“eu sei como você deve ter se sentido todo esse tempo”*

*“nós temos muito em comum e nós precisamos aceitar os riscos espirituais da nossa vocação”*

*“e essa entrega na nossa vocação é a singularidade da nossa existência”*

ela quer dar as cartas e cantar a bola pra quem já cansou do jogo e desertou  
ok Bernadete, já fui também jovem pedante aspirante  
uma vaquinha petulante

*“o que você acha disso Aurora? poderia ser um comeback, o seu comeback”*

sim, ela usou essa palavra *comeback*  
essa palavra na boca de Berna soava terrivelmente ruim

*“você tem todo o direito de não querer mas acho que seria muito bom poder contar com você, seria muito importante contar com você”*

*“O que você acha, Aurora?”*

as aranhas do meu teto não formam teias concêntricas de uma bela arquitetura aracnídea mas  
borrões espalhados, chumaços de algodão, estalactites de seda a desafiar  
olhares incomodados

*“claro, Aurora, você não precisa responder agora...  
tome o seu tempo, mas pense bem”*

eu já estava acostumada àquelas seis ou sete aranhas que dividiam o teto  
comigo  
e Bernadete não parecia se importar

“você está comigo?”

“nós voltaremos a falar do seu comeback”

...e naqueles dias  
no filme *Jorogumo*  
as teias de aranhas eram geométricas sintéticas brilhantes  
nos abraçavam em nosso acasalamento com profissionalismo e artifício  
mas o medo dele de aranhas era real, parecia até que ia ser picado de  
verdade em seu membro mais estimado

#### .A ARANHA ENTRA NA CAVERNA

Calma, Aurora, se concentre, você já fez isso antes

(Luz cinematográfica em *Aurora F.*)

um pinto  
somente isso  
pele um pedaço de carne e alguns músculos e sangue... e cartilagem?  
não, quer dizer,  
uma espécie de esponja irrigada acionada pelo sangue  
temperatura 36,5 graus, esse aqui tem uns 38 graus, não 38 graus é fe-  
bre, 36,5 graus

“Aurora... Aurora, está tudo bem?”

a luz incomoda um pouco, mas tá tudo bem sim  
as teias me abraçam  
as teias me confortam

“OK?”

ok. claro que está ok  
agora vai, agora ele vai conseguir

ele cresce consideravelmente nem é preciso olhar  
enche a palmas da minha mão  
não é a primeira vez, nem segunda, e nem será a última que você terá em  
suas mãos  
– o ato em si –  
a humanidade já tinha passado por isso tantas vezes,  
fornicado de incontáveis maneiras  
narráveis ou inenarráveis

ok,  
somente um pinto  
com esponjas e cavernas internas e líquidos irrigando

e eu por minha vez – somente uma vagina  
vagina... quem fala vagina? boceta, boceta mesmo  
simples assim  
a minha caverna somente mais exposta,  
sim a humanidade passou incontáveis vezes aqui

mas  
com uma aranha de escalas avantajadas talvez seja novidade  
e com câmera. e luz. e equipe.  
mas posso lidar, já lidei com coisa muito pior e *quero*  
sim, eu quero muito estar aqui

a minha caverna é mais exposta,  
minha caverna *vertical*, importante notar, a Fukuda da infância  
ouvia tantas vezes a infame interpelação  
– “*a sua é horizontal, Fukuda?*” –  
pois é, se a boceta era horizontal  
então que a minha verticalidade seja bem notada  
minha caverna vertical à espera da aracnídea  
a aracnídea com proporções colossais

*“Uma escolha desafiadora mas que depende de uma entrega, uma entrega sublime e eu sei que você pode, Aurora”*

foi o que ele disse,  
e estava certo  
a minha entrega no que eu realmente acreditava

era um ato de amor  
o aclamado diretor em poucos anos seria ainda mais entusiasticamente louvado recebendo toda sorte de aplausos, as pessoas assariam suas mãos de tanto aplaudir, deformariam seus rostos ao apresentar sorrisos industriais para congratulá-lo e também ao ator...

*“agora é o momento da aranha, respira fundo...”*

era o menor dos problemas, nunca tive medo de aranhas  
nem desconforto com nudez,  
por que encarar o sexo como algo vil e desprezível?  
e não achamos belo  
quando vemos um casal de leões copulando num filme de natureza?  
ou mesmo graça  
quando vemos duas tartarugas se contorcendo em um quintal?

e por que as senhoras e senhores membros do júri  
condenariam minhas escolhas,  
sendo que essa era minha grande chance  
de me livrar de outro filme,  
queria me livrar da *Pequena Tomoko*,  
só queria romper com aquela mocinha, aquela servil mocinha  
eu definitivamente não era a *Pequena Tomoko*

a *Pequena Tomoko* pra mim demonstrava sistematicamente metafóricamente  
uma mulher sendo abusada em prol dos bons costumes e por todos ao seu redor estado e família e sociedade

ali acharam que eu fui verdadeiramente uma grande atriz  
todos achavam que eu era a *Pequena Tomoko*

fazer a *Pequena Tomoko*, isso sim tive vergonha  
vocês certamente já viram uma cena clássica:  
homem chega de suas aventuras e guerras e uma mulher japonesa lhe dá  
um banho extraindo dele todas as máculas do mundo

*“Aurora?”*

em seguida eles fazem amor é isso que querem que a gente acredite, *eles fazem amor*, mas não é qualquer amor pois naquele momento a mulher



restitui toda a masculinidade dele novamente,  
e as futuras gerações passariam a acreditar e reproduzir e rotular  
em escalas industriais

*“Aurora, tá ouvindo?”*

*“Aurora”*

*“se concentra, vamos ter que fazer mais uma vez”*

### .MENSAGENS E PROPOSTAS

esqueceram a *Pequena Tomoko* rapidamente  
isso é fato  
mas  
de *Jorogumo* a única coisa lembrada era a tal cena  
– a mulher e a aranha –  
e os méritos, *percebi aquele dia*  
quando vi minhas proporções monumentais e a aranha gigante na gran-  
de tela  
os méritos, *sempre*  
iam para o diretor que *“conseguiu arrancar da atriz uma energia completa-  
mente diferente de seu papel anterior, nem se percebe que é a mesma pessoa”*  
claro sempre a habilidade incomensurável do diretor artista  
claro uma atriz não teria autonomia de escolhas  
claro uma atriz é sempre mais uma ferramenta  
um aparato de cenário  
não mais que isso

e  
quando vi as proporções monumentais na grande tela  
senti a seda das teias se emaranhando embrulhando o meu estômago  
revirando todos os meus líquidos internos  
ao anunciar proféticas sensações

aquela vez no supermercado  
perdida no corredor entre amaciantes e sabão em pó  
e aquela mulher  
vindo na minha direção

*“você não tem vergonha, não? sua pervertida”*

Depois de *Jorogumo*, ou *Mulher Aranha* acreditava que teria propostas interessantes inúmeras arriscadas  
e quando elas apareceram fui obrigada a negar uma a uma, por óbvias razões

*“uma mulher corajosa, que o herói caído irá se apaixonar e juntos viverão um romance tórrido”*

não

“sua personagem é uma mergulhadora e saindo do mar fará sexo com um polvo, como no quadro de Hokusai”

hmmm, não

*“no final ela se mata por não ter o seu amor correspondido por ele”*

também não

seria impossível algo mais simples?  
ou um papel em que beleza não fosse um imperativo?  
algo diferente, além do interesse amoroso do protagonista  
a salvadora ou submissa que recupera o herói caído

e começariam mensagens e bilhetes  
cada vez mais ostensivos debaixo da porta

*“você não tem vergonha de transmitir doença venérea?”*

*“que mulher aceita fazer esse tipo de coisa? É uma depravação, uma aberração”*

depravação não, diria *transgressão*

*“vocês têm essa cara de sonsa, mas no fundo no fundo, são umas pervertidas!”*  
Vocês?

nós, as pervertidas? NÓS – primeira pessoa do plural, indicando eu mais outra ou grupo de pessoas; funciona nesse caso como sujeito

seria engraçado, não fosse trágico  
talvez tragicômico  
apenas mais uma piada de mau gosto  
mas nada envelhece tão rápido quanto uma piada

já cheirava a naftalina  
depravação era ler as mensagens abjetas que começariam a persistir  
onde quer que eu olhasse  
anúncios de jornal, propagandas, embalagens  
podia sempre imaginar uma mensagem para Aurora Fukuda

e veio o bilhete debaixo da porta

*“Aurora, volte pro seu país”*

até biscoitos da sorte tornaram insuportáveis, com certeza leria o imperativo:

volte

pro

seu

...país!

*“Aurora”*

*“Aurora?”*

.  
. .  
.

*“estava tão quieta concentrada, achei que tivesse dormindo, Aurora”*

## .RISCOS

Berna disse me entender  
emaranhada de informações, conclusões precipitadas  
a profundidade da pesquisa de quinze minutos na internet  
mas ela disse me entender  
e isso soava tragicamente ruim

quando eu mesma nem estava pensando  
nem queria pensar  
nos meus *riscos espirituais*, como ela disse  
teria sido o passeio da aranha na caverna uma transgressão espiritual?  
buscar amor e prazer na mesma medida que *eles*  
brincar com escolhas proibidas por *eles*

*“era necessário Aurora”*

sim, relatar a experiência à minha maneira era ativo propositivo

*“era necessário”*

assim diria Bernadete  
mas as pessoas só lembravam da aranha,  
aliás, se você pesquisa o nome *Aurora Fukuda* na internet automatica-  
mente aparece a sugestão *aranha*  
o único motivo pra alguém se lembrar de mim

talvez precisasse pagar por querer tanto  
ninguém esperava que  
eu me colocasse na atitude de juiz, revisse meus próprios atos  
não era culpa minha se no roteiro  
se o roteiro pedia que uma aranha beijasse o membro  
o membro mais estimado do sujeito  
isso não era culpa minha, não de *Aurora*

descobri depois, talvez tarde demais  
que nele se enxergou o sujeito  
mas em mim  
talvez em mim  
o esperado fosse o meu papel resignado de objeto  
estrangeira em meu próprio país?

não,  
eu jamais me arrependerei de ter feito *Jorogumo*  
alguém tinha que fazê-lo  
abrir caminhos, possibilidades, escolhas  
se *destino* existe, era meu destino estar nesse filme  
o meu destino espiritual,  
meu *risco espiritual*, diria Berna  
minha escolha espiritual minha boceta espiritual  
minha aranha espiritual meu pinto espiritual meu risco espiritual

e depois  
sugestões nada espirituais  
enquadrar-se às necessidades, digamos, alheias  
de outra ordem  
pra não dizer, afrontosas, nada espirituais

*“veja bem você tem os traços delicados, talvez um pequeno ajuste no seu nariz tor-  
nasse o seu rosto mais harmônico, temos e podemos lidar com as despesas de um  
excelente profissional”*

traços delicados no meu cu, essa sugestão certamente tinha a ver com

aquela mensagem

*“suas narinas são obscenas, dá pra enfiar um pinto aí dentro”*

mas

que obsessão pelos orifícios

não não e não

eles queriam que meu membro mais primitivo instintivo fosse apaziguado, domesticado

mas

no meu nariz ninguém passaria a faca

queriam mesmo esvaziar, aniquilar, apagar minhas narinas de Fukuda meus orifícios meus buracos meus pelos meus anseios

minhas mágoas

que bobagem

nunca pedi que harmonizassem as minhas dissonâncias

não é a minha

de maneira alguma

pra ele nada disso era problema,

talvez sendo homem

talvez sendo o que diziam

tinha uma aparência versátil pras multidões

um rosto bem brasileiro poderia fazer outras coisas e rapidamente esquecido, tudo passou bem pra ele

inclusive ele passa bem está ótimo esses dias eu o vi na televisão

tudo nele se ressequiu

mais ainda mantém aqueles mesmos dentes brancos,

pasmem

que versatilidade

se transforma em todas as nacionalidades e funções

mas os dentes branco-sulfite permanecem intactos

ninguém mais lembra que aquele homem teve seu membro mais estimado

estimulado e mutilado por um beijo de aranha

e pouco importa isso agora

meus cabelos recém desbotados e meu joelhos não permitem que eu me desperdice com bobagens, assim espero

*“você fala como se fosse uma velha, uma decrepita. mas deve ter a idade da minha*

*mãe e todo mundo fala que ela é jovem, muito jovem”*  
já estou sendo censurada pela Bernadete, que presunçosa  
fazendo as contas com a minha parca noção matemática sim, verdade  
Bernadete realmente poderia ser minha filha

.ENTARDECER

O que poderia acontecer a Aurora Fukuda?

voltaria pro seu refúgio anterior ou outra cidadezinha,  
de emprego a emprego  
onde era apenas Aurora, atendente, Aurora, auxiliar, garçõete  
a depender do crachá  
ou ainda,  
retornaria seguramente ao apartamento 810 do *Oliveiras*

no futuro todos teriam os seus quinze minutos de fama, disseram  
o de Aurora já passou, *ainda bem*  
pode andar tranquilamente, ninguém mais reconheceria  
*Aurora* a infratora  
só mais uma que ficou lá atrás  
objeto perdido de uma coleção esquecida

uma outra Aurora poderia recomeçar agora  
mais uma vez candidata da dor e da glória  
poderia chamar Bernadete, ouvir a Berna  
Berna poderia ir junto  
acompanhá-la na linha vermelha  
testar até onde iriam os riscos espirituais dela

e dessa vez,  
tirariam o meu sangue  
eu conseguiria, *Aurora* conseguiria sem muito esforço  
sem muitos incômodos  
apenas um exame de rotina antes de voltar  
antes do *comeback*,  
essa palavra soa divertida pra mim  
não importa se com Berna ou sozinha  
eu conseguiria

O que aconteceria a Aurora Fukuda?

É final de tarde embolorado, tempo de outono  
um entardecer como nenhum outro  
Aurora caminha nas ruas  
caminho na mesma rua dos jovens com seus celulares  
apenas uma caixeira viajante  
representante comercial de si mesma – um produto ultrapassado  
bobagem, assim me quiseram crer  
será?  
não importa... também posso ser uma boa vendedora  
se assim quiser  
o produto não está vencido  
*“os rótulos ficam melhores depois de amadurecidos”*  
já dizia o enófilo  
isso me diverte  
mas calma *Aurora* mudemos os vocábulos  
não *façamos* o jogo deles

Aurora desliza devagar com o vagar próprio das tiranas, das malditas,  
com o vagar de quem prefere a chuva a seguir o tempo viciado deles  
querida humanidade, você tem pressa demais  
antes de amanhã ainda tem bastante tempo  
ainda tenho bastante tempo  
o crepúsculo ainda é território desconhecido  
Aurora se mantém em seu silêncio,  
silêncio eloquente, escolhido, prenunciativo  
o momento de se desfazer, refazer, recriar, reinventar Aurora Fukuda  
é preciso encarar os recomeços os tropeços os atropelos  
fraturas e desequilíbrios  
no meio do caminho  
e também  
novas possibilidades, reinvenções, representações, sonhos  
sonhos, talvez, por que não?

o vento bate na minha nuca, roça meus cabelos  
dessa vez não me chama pra outros destinos  
decido ficar, aterro,  
o vento é só um leve roçar,  
carinho à distância que me convoca a ficar  
me aqueço por dentro me preparo  
a chuva fina do final de tarde não mata a sede

mas refresca  
na mesma rua dos jovens empunhando celulares  
eles definitivamente correm se abrigam na marquise  
deixam a rua só pra mim  
eles desistem por instantes dos aparelhos,  
são muitas cabeças e muitos olhos pra pouco espaço  
nesse amontoado de corpos  
muitas mariposas pra um só refletor,  
eles por um instante único  
me notam  
carros não ousam se aproximar  
não de mim, não de *Aurora*  
eu que ofereço esse absurdo espetáculo  
eu, *Fukuda* fantasmagoria,  
espectadora de mim mesma  
imóvel debaixo da chuva  
nesse mundo, meio torto, meio morto, meio morno  
estamos todos em estranha  
comunhão  
e agora nada faria eu abandonar o violento e desesperado desejo de aqui  
estar

se eles pudessem sentir pelo menos um pouco como eu me sinto nesse  
momento  
*(algo me fez crer que eles sentiriam, alguém pelo menos, um pouco, sentiu comigo)*  
a chuva aos poucos a perfurar meu tecido, deslizar na minha pele, res-  
friando meu corpo  
se unindo em meus músculos sangue feridas e brios  
a chuva me atravessa, me ensopa, me engole

e  
eu  
e talvez mais alguém ali se sentiria bem,  
sim  
eu me sinto terrivelmente bem

.FIM